

17-05-2022

LAPA

Muza Clara Chaves Velasques*

[Professora de história e pesquisadora da ENSP/Fiocruz]

Frequentar ou apenas passar pelo bairro da Lapa dos anos 1930 significava conhecer a vida que palpitava no coração da cidade do Rio de Janeiro: a percepção de um ideário do jeito, alma, vida do carioca, uma de suas marcas. A famosa Lapa não caiu no gosto popular ou tornou-se conhecida nacionalmente por acaso.

Nela atuavam indivíduos que, ao construírem eles com a cultura popular do período, eram também porta-vozes de um discurso nitidamente formador da imagem do carioca. Os compositores de samba que, ao retratarem o cotidiano de suas vidas, cantaram quase que permanentemente o bairro. Boa parte desses compositores eram oriundos das camadas mais pobres da população: o samba, “coisa de preto e de pobre” carregava o peso da discriminação e do preconceito. As favelas e as zonas suburbanas tornaram-se reduto do samba. É a partir de 30 que o samba passa a ser ouvido através da radiodifusão, adquirindo participação na cultura oficial da sociedade forjada como nacional. Junto ao crescimento da radiodifusão, em 1932 os desfiles das escolas de samba passam a ser organizados para competição. O samba desce o morro e ganha um público diversificado ingressando no heterogêneo mercado do consumo cultural. A Lapa, um dos pontos de encontro para a “troca” de sambas, servia também como inspiração aos compositores. Se o morro é para os sambistas um importante contato com suas raízes culturais, é no asfalto e na boêmia Lapa que, muitas vezes, encontram uma roda que corresponde à sua postura de vida. A Lapa, em uma zona marginal ao centro da cidade, também é negra e pobre. A obra de Wilson Batista é bastante significativa, pois se trata do compositor de seu tempo que mais cantou o bairro da Lapa. Sua história de vida se cruza com a da Lapa em vários pontos: negro, nascido em 1913 (Campos/RJ), chegou à cidade do Rio já como compositor. Trabalhou como acendedor de lâmpões da Light, circulava pela cidade.

Vivia da venda de seus sambas, de “expedientes” e da ajuda de amigos, num estilo comum a muitos sambistas da época.

Chegou à Lapa em 1930 e foi morar no coração do bairro (Rua Joaquim Silva), onde permaneceu por quatro anos. Frequentador assíduo da boêmia do bairro, amigo dos chamados “irmãos Meira”, dois malandros que atuavam na Lapa, foi preso algumas vezes.

Na forma de se trajar e de encarar a vida assumia uma “postura malandra”. Talvez apenas o samba o diferenciasse. Nos sambas, Wilson Batista descreve uma Lapa idealizada, mas com uma preocupação profunda em preservar o bairro ante uma iminente morte ou queda no esquecimento. Em “Largo da Lapa” (1942), o bairro já passava pela fase marcada como fim da “idade do ouro”, o compositor resgata, com fina ironia, uma imagem positiva da Lapa. Para isso lista fatores que tornavam o bairro tão frequentável como outro qualquer: sua origem religiosa, um local sem violência e a vantagem de ser um ótimo local de encontro: *Foi na Lapa que eu nasci / foi na Lapa que eu aprendi a ler / foi na Lapa que eu cresci / e na Lapa eu quero morrer / A Lapa também tem a sua Igreja / pra que toda gente veja / onde eu fui batizado / A Lapa onde já não há*

conflito / fica no 5º Distrito / aonde eu fui criado / um samba, um sorriso de mulher / bate-papo de café, / eis aí a Lapa.

Outros compositores ilustres do mundo do samba cantaram o bairro da Lapa, como Noel Rosa, Geraldo Pereira, Herivelto Martins, Benedito Lacerda. Os sambas que propagam uma Lapa essencialmente boêmia têm suas linhas repletas de citações às mulheres do bairro, à vida noturna e, especialmente, à figura do malandro: [...] *chapéu de lado / tamanco arrastado / lenço no pescoço / navalha no bolso* [...] Os estilos de vida de Wilson Batista, Geraldo Pereira, Ismael Silva, Moreira da Silva, entre outros, principais vozes do samba malandro das décadas de 30/40, ajudaram a perpetuar este tipo.

Pelo menos desde os anos ‘20, os negros sambistas dos bairros do Estácio, Cidade Nova, Saúde, Morro da Favela, Gamboa, Catumbi e Morro de São Carlos já carregavam a designação de malandros. Com a mudança do samba para uma cadência sincopada, os sambistas carregam cada vez mais a designação, a partir da imprensa e do público que ouvia suas canções.

Nos anos ‘30, a imagem do malandro está plenamente difundida. A malandragem e a boêmia fazem parte do “samba malandro”, porém, o samba malandro é a caixa de ressonância de uma conduta marginal para o governo do Estado Novo: o não-trabalho. O malandro e a Lapa tornam-se uma ameaça ao ideário estadonovista que não pouparia esforços em combatê-los.

A repressão policial recaí sobre ambos. No campo da música, o samba malandro encontrou uma saída para sobreviver ao passar a cantar o “malandro regenerado”. É certo que alguns compositores realmente regeneraram seus malandros ou se voltaram para o samba apologético durante o Estado Novo.

Além da forte censura prévia das músicas, outros ingredientes ajudaram nas reformulações: as maiores oportunidades de divulgação das músicas e o dinheiro pago pelo DIP nos programas e festejos oficiais. Mas, para os que não se conformaram às novas normas, restou mais uma vez a criatividade abraçada à postura crítica através do jogo da ironia, da linguagem da fresta.

Como exemplo claro da deliciosa ironia, temos o samba “Senhor delegado”, de Antônio Lopes e Jaú, onde o bairro da Lapa é o palco de um conflito entre um frequentador – que jura não ser malandro – e a polícia: *Eu já fui malandro / Hoje estou regenerado / Os meus documentos! Eu esqueci mas foi por distração / Comigo não / Sou rapaz honesto / Trabalhador, veja só minha mão / Sou tecelão / Se ando alinhado / É porque gosto de andar na moda, pois é / Se piso macio é porque tenho um calo / que me incomoda na ponta do pé / Se o senhor me prender / Vai cometer uma grande injustiça na Lapa / Amanhã é domingo / tenho que levar minha patroa à missa na Penha.* Malandro dissimulado, malandro pseudo-regenerado, seu território continua sendo o bairro boêmio da Lapa, aqui em oposição à religiosidade da Penha.

Mas, se a figura do malandro “regenerado” conseguiu burlar os ouvidos da censura, por outro lado, o próprio governo apropriou-se por vezes também de sua imagem. Aí, é claro, não interessa o malandro enquanto não-trabalhador, mas sim a esperteza típica do personagem. O escritor e ator Mario Lago conta, em entrevista, que em uma peça sua, “Mãe eu Quero”, o quadro em que

<p>Getúlio Vargas parecia conversando com um malandro não sofreu corte da censura. O malandro ensinava ao presidente vários golpes mas, no final da aula, antes de lhe mostrar um golpe infalível recebeu uma rasteira de Getúlio. Ao perguntar a Vargas como aprendera o tal golpe, recebeu como resposta: “Ah, eu faço essas coisas desde pequenininho”.</p> <p>Na mesma peça existia outro quadro que satirizava o Ministro do Trabalho. Este não passou de forma alguma. Ao se apropriar da figura do malandro, o governo procurava demonstrar sua profunda identidade com o elemento popular. Assim, não é casual que, na fase da política de boa-vizinhança com os EUA, a figura que caracterizará o Brasil internacionalmente será o personagem de Walt Disney, Zé Carioca, criado especialmente para o momento, ao lado da baiana imortalizada por Carmem Miranda.</p>	<p>O papagaio Zé Carioca vestia-se como um autêntico malandro e sua esperteza, jeito de falar e andar, aproximavam-no ainda mais da figura do malandro. O Estado Novo reprimiu o culto ao malandro enquanto figura representativa do não-trabalho, porém, utilizou-se de sua imagem estética para se promover. O malandro boêmio, não era mais da Lapa e nem da cidade do Rio de Janeiro. Resignificado e “politizado”, passou a servir aos “interesses nacionais”. O malandro da Lapa era do Brasil.</p> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p> <p>* Velasquez, Musa Clara Chaves. A Lapa Boêmia: um estudo da identidade carioca. Dissertação de Mestrado. UFF. 1994.</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	